

AFRÍDE

Encorajando a Igreja na missão mundial

Volume 8, Edição 2

PREOCUPAÇÕES FAMILIARES E O CHAMADO MISSIONÁRIO NAVEGANDO NA TENSÃO



UMA REVIRAVOLTA
PARA REAGAN
MÃES NO BRECHA

WWW.AFRIGO.ORG/AFRIDE

© THEORGO.COM

CONTEÚDO



04



06



12

03 ENCONTRE O EQUILÍBRIO

Em África, o chamado missionário pode criar tensão entre o compromisso com a família e a lealdade a Cristo. O Dr. Chinedu Oranye, da Nigéria, examina as duas posições e defende o equilíbrio.

04 CHAMADO: NÃO MAIS SOLITÁRIA

Apesar das suas tentativas para oferecer amor, Ralambo Tiffanie sentiu-se rejeitada pela sua família. Depois de aprender sobre missões e servir em Madagáscar, a sua relação com a família agora está melhor do que nunca.

05 UMA OPÇÃO "UBUNTU"

Deve o chamado missionário dividir missionários e as suas famílias? A filosofia africana do Ubuntu pode ser a resposta certa e a história de Grace Djanie* (nome fictício) ilustra-o de forma excelente.

06 UMA REVIRAVOLTA PARA O REAGAN

Reagan Opoku Agyeman viu-se sozinho contra a sua família quando anunciou o seu destacamento missionário numa zona remota do Gana. O que mudou a sua história?

09 NAVEGAR EM TERRENO DIFÍCIL

Cumprir um chamado missionário e honrar as obrigações familiares pode ser um terreno difícil de navegar. Fizemos algumas perguntas difíceis e os líderes missionários deram respostas perspicazes.

11 MÃES NA BRECHA

As Support Mothers of Nigeria (Mães de apoio da Nigéria) estão a ajudar as crianças cujos pais estão no campo missionário. Leia como tudo começou num evento de aniversário e o que elas conseguiram até agora.

© 2024 AFRÍDE.

AFRÍDE é uma publicação destinada a sensibilizar, mobilizar, capacitar e inspirar igrejas e indivíduos em África para missão global.

Editor: Eduardo Chivinda

Traduzido parcialmente da versão inglesa

Design Gráfico: Pilgrim Communications

Foto de capa: Família Mills, Gana (Gheorge Oliver photography)
As opiniões expressas nos vários destaques desta revista não são necessariamente as do editor.

As fotografias de arquivo são ocasionalmente utilizadas.
Pseudónimos utilizados para fins de segurança.

ENCONTRE O EQUILÍBRIO

POR CHINEDU ORANYE



A família é fundamental para os africanos, quem somos e como existimos. Se não tivermos família, não somos um povo. As nossas famílias nucleares e alargadas estão interligadas e esta rede muitas vezes determina as decisões que tomamos. A família em África existe para apoiar as unidades individuais e construir uma identidade comunitária. Não somos africanos se não nos identificarmos como africanos, e não podemos ser africanos fora da estrutura de apoio familiar.

Em primeiro lugar, Jesus prepara o terreno ao exigir lealdade absoluta a todos os que O seguem e O servem, incluindo os africanos. Em Mateus 10:37, Ele diz: “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim não é digno de Mim. E quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim”. Como africanos, temos de lutar com esta realidade. Não podemos deixar que as nossas responsabilidades com a família nos privem do privilégio e da oportunidade de servir Jesus, especialmente quando a África se tornou uma

importante força de envio em missões globais. Falharemos o nosso mandato se deixarmos que as tradições familiares que tanto valorizamos se sobreponham às ordens claras de Jesus de “ir e fazer discípulos”. Seguir Jesus terá impacto na família e, por vezes, como africanos, pode exigir a tomada de decisões duras que parecem afastar-nos das nossas raízes. Mas, a obediência a Cristo é a nossa primeira prioridade.

Por outro lado, Jesus diz aos fariseus, em Mateus 15, 5-6: “... vós dizeis: ‘Quem disser ao pai ou à mãe: “Qualquer lucro que tendes recebido de mim é um presente a Deus - não precisa de honrar o pai ou a mãe”... com a vossa tradição, invalidastes o mandamento de Deus.” Aqui, Jesus afirma a importância de honrar a família. Ele desaprovou a falsa presunção de que a espiritualidade contradiz o compromisso com a vida familiar. Jesus deixou claro que não honrar a família era, de facto, desobedecer ao mandamento de Deus. As missões modernas ensinaram-nos, infelizmente, que renunciar à família era um pré-requisito para servir Deus; assim, muitos jovens africanos abandonaram imprudentemente as suas responsabilidades familiares na busca de salvar nações. Esta resposta individualista e egoísta fez com que muitas famílias africanas se sentissem antagónicas em relação a Jesus e à Sua vocação.

Então, como é que conciliamos estas duas posições? Como africanos, temos de encontrar o equilíbrio entre seguir Jesus, servir em missões e honrar a família. Embora chamados a dar as nossas vidas para seguir Jesus, devemos permanecer intencionalmente comprometidos com as nossas famílias. Nunca devemos abandonar a nossa responsabilidade de caminhar com elas e de as apoiar. A nossa expressão da lealdade a Jesus não deve romper os laços com as nossas redes familiares.

Embora nossa lealdade a Jesus permaneça inquestionável, nossa expressão dessa lealdade não deve prejudicar ou romper os laços com as nossas redes familiares.

Nesta edição do AfrÍDE, siga a jornada do Reagan, da oposição da sua família ao seu chamado missionário até finalmente à aceitação e apoio deles. O artigo da Perspectiva apresenta uma solução africana para o dilema missionário-família. Que esta edição de AfrÍDE ajude os missionários e as suas famílias a compreenderem-se e a apoiarem-se mutuamente, e inspire o Corpo de Cristo a apoiar os missionários e as suas famílias de formas muito práticas.

O Dr. Chinedu Oranye é um professor de Bíblia nigeriano, autor, mentor de liderança, e pastor. O seu ministério levou-o a mais de 30 países, partilhando e comunicando o Evangelho de Cristo de amor, redenção e fé para os perdidos e à Igreja. Ele serve no Calvary Ministries (CAPRO) e a Haggai International. É casado a com Taiwo e têm três filhos. chinedu.oranye@gmail.com.

CHAMADO: TIFFANIE RALAMBO

NÃO MAIS SOLITÁRIA

CONTADA A MERCY KAMBURA

Enfrentei muitas suspeitas quando cheguei como missionária à ilha. Desconhecido por mim, algumas mulheres malgaxes solteiras que chegaram antes de mim estavam envolvidas na prostituição. Foi difícil estabelecer-me como uma rapariga malgaxe solteira numa ilha que já tinha determinado que eu não podia ser legítima, quanto mais ser missionária. Tive dificuldade em fazer amigos e tinha muitas saudades de casa. Mas fiquei por causa do Evangelho.

Apesar dos esforços deles para oferecer amor, eu ainda sentia que não era suficiente. No entanto, este nó manteve-me firme quando acabei por me aventurar como missionária. Apesar de ser uma rapariga jovem e solteira, a minha família estava convencida de que o Senhor me tinha enviado. Prometemos enviar notícias uns aos outros de vez em quando. Este foi um contraste nítido e abençoado com a minha experiência como criança.

Conheci o Senhor quando estava na universidade. Particpei num grupo bíblico de comunhão universitário (UBG) e a primeira coisa que me cativou foi o estudo da Bíblia. Nunca tinha ouvido a Palavra de Deus tão claramente. Apesar de ter crescido num lar cristão, eu ainda não era uma filha de Deus. Queria tornar-me uma, então entreguei a minha vida a Jesus.

O Senhor renovou-me e deu-me alegria; deixei de estar triste e zangada com a minha família. Quando comecei a dar frutos, eles ficaram maravilhados por eu me estar a interessar pelas coisas de Cristo. Ouvi falar de missões através da UBG. Observei e testemunhei a partilha e fiquei maravilhada com o entusiasmo dos jovens por Deus. Eu disse: “Jesus, quando eu crescer na minha fé, também irei a algum lugar em Madagáscar para pregar as tuas Boas Novas”.

Comecei a participar em missões um ano depois do meu compromisso. Ao participar, fiquei a saber sobre a vida missionária. Mais tarde, fui como missionária com a Africa Inland Mission (Missão no Interior de África) para as ilhas em Madagáscar para servir entre um povo não alcançado.

O campo missionário tinha alguns choques à minha espera. Não tinha tido tempo para me preparar. Tinha saltado para o asfalto do campo missionário a partir da carrinha de mudanças que era a minha vida. Aprendi tudo no terreno, mesmo aquilo que devia saber na teoria. Era a única malgaxe da minha equipa, e a solidão começou a instalar-se. Por vezes, apetecia-me correr para casa e chorar, e as refeições não estavam a melhorar a situação. Sentia saudades de casa, e também já não tinha suficiente apoio financeiro. Depois de um ano, regresssei a casa e a minha família festejou como um filho pródigo.

No meu país, comecei a trabalhar com uma ONG que ajuda



Tiffanie Ralambo

as mulheres a desenvolverem-se interior e exteriormente. Temos um projeto que visa partilhar o Evangelho com os indianos aqui em Madagáscar. Tenho estado a discipular uma mulher indiana de origem muçulmana que é a única crente na sua família. Compreendi o coração de Deus para as nações e agora olho para além dos preconceitos culturais. Também compreendo que a minha vida é para o Senhor, e escolho usá-la para algo que durará para sempre.

Se o Senhor te chamar, vá. Não fiques à espera. Já não me sinto só. O Senhor me estabeleceu em Sua família celestial, e o meu relacionamento com minha família terrena está melhor do que nunca. As minhas irmãs estão a ficar mais interessadas em ter um verdadeiro relacionamento com Jesus. A minha família apoia-me e nunca se opôs às missões que tenho feito.

ORAR POR:

- Pelos meus próximos passos, portas abertas, e pela vontade de Deus; o meu coração deseja regressar ao campo missionário. Por favor, orem para que o Senhor me oriente em tudo o que faço.
- Para que a minha família e eu cresçamos no nosso amor por Jesus Cristo.

A minha família apoia-me e nunca se opôs às missões que tenho feito.



CHAMADA MISSIONÁRIA E FAMÍLIA: UMA OPÇÃO “UBUNTU”

Um missionário deve abandonar a sua família para responder verdadeiramente ao chamado de Deus para alcançar os perdidos? Em todo o continente, uma nova geração de missionários africanos estão a ir, e as suas famílias nem sempre compreendem as razões. Pode parecer egoísmo, especialmente quando a família se sacrificou para proporcionar educação e cuidados, esperando as retribuições mais tarde. Pode parecer abandono quando os idosos são deixados sozinhos sem os filhos adultos para cuidar deles.

O chamado missionário

Nem toda a gente é chamada para as missões da mesma maneira. Seja qual for o caminho, uma pessoa ou um casal acaba por chegar à decisão de que Deus quer que eles saiam e ministrem. Esta decisão deve ser confirmada através da consulta à conselheiros espirituais maduros e de confiança.

Nesta altura, a família é informada da decisão, o que pode resultar na confirmação dos seus piores receios: o seu filho tornar-se-á um pedinte, poderá ser morto numa terra estranha, ou ter filhos que nunca conhecerão os seus avós. O inicial investimento na educação é agora visto como um mau investimento. Infelizmente, o pastor local pode por vezes ser um dos maiores obstáculos ao futuro missionário, com protestos sobre as necessidades locais, dúvidas sobre o chamado, ou os seus próprios receios sobre o dinheiro em sair da igreja para uma terra estrangeira.

Ubuntu e missões

Consideremos uma alternativa usando a filosofia africana do Ubuntu. Ela está relacionada com a frase Zulu “Ubuntu ngumuntu ngabantu”, que significa que

uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas. Será que não podemos aplicar isto ao chamado missionário? Será possível que Deus dirigiu o chamado tanto para o indivíduo como para a comunidade que o rodeia?

O Dr. Dennis Kilama, num*artigo para The Gospel Coalition Africa, comenta: “Recuperar o Ubuntu na Igreja seria uma forma de recuperar a visão do Novo Testamento para a comunidade cristã. Esta é a atitude de que tudo o que fazes tem impacto nos outros: o que afecta um afecta todos. O sucesso do grupo está acima do sucesso do indivíduo.

E se o sucesso missionário fosse considerado o sucesso de toda a comunidade e não o sucesso de um indivíduo que trabalha no campo da colheita? Imaginemos uma comunidade que ouve o chamado de Deus para o seu amado. Orem pela confirmação, vêem que ele está devidamente formado, e é apoiado enquanto serve na missão. Acolhem o seu amado quando ele regressa a casa para descansar, e encorajam-no enquanto ele se prepara para regressar. A comunidade reúne-se à volta dos membros da família que, na ausência do missionário, precisam de ajuda, seja ela financeira ou outra. Não seria esta um expressão do Ubuntu? Leia como a família e a comunidade da Grace Djanie* (nome fictício) fizeram exatamente isso.

A história da Grace

Já ouvi histórias de pais que eram contra o chamado missionário dos filhos, mas a minha experiência foi diferente. Quando informei os meus pais pela primeira vez, o meu pai sorriu. A minha mãe disse “É um privilégio servir o Senhor”. Eles nunca questionaram as minhas intenções nem me desencorajaram. Houve momentos em que não tinha a certeza se esta era a vontade de Deus,

mas eles estavam sempre disponíveis para falar e orar comigo quando eu precisava.

Antes de ir para o campo missionário, formei um grupo de intercessão para orar por mim todas as semanas no Zoom. Os meus pais participavam de forma consistente. Quando parti para o campo, o meu irmão coordenou o grupo na minha ausência. Demiti-me do meu emprego para me preparar para o campo, e os meus pais acolheram-me durante um ano inteiro. Tomaram bem conta de mim e nunca se queixaram da minha incapacidade de ajudar na manutenção da casa. Pelo contrário, deram-me uma quantia substancial de dinheiro para o campo.

Cerca de 80 pessoas assistiram o meu serviço de comissionamento. Toda a minha família estava lá - os meus pais, o meu irmão, a minha irmã, o marido dela e os seus três filhos. Os meus amigos, membros da igreja, antigos colegas de trabalho, e líderes da missão também estavam presentes. Eles proferiram palavras de afirmação sobre mim e abençoaram-me. O proprietário de uma empresa incluiu-me na sua folha de salário para me enviar apoio mensal como um dos seus trabalhadores, incluindo pagamentos para os meus benefícios de reforma - isto foi um milagre!

No dia da partida, a minha família me levou no aeroporto. O apoio da minha família, dos meus amigos e da comunidade cristã deu-me força para responder o meu chamado missionário. As palavras do meu pai no meu culto de comissionamento descrevem o coração por detrás do imenso apoio que recebi: “Tal como Maria, a mãe de Jesus, sentimo-nos muito honrados por o Senhor ter escolhido a nossa família para esta grande tarefa.”

* <https://bit.ly/3NAioi9>

UMA REVIRAVOLTA PARA O REAGAN

POR KATE AZUMAH



Reagan e os seus discípulos da equipa de desporto

Reagan nunca tinha saído da cidade de Kumasi em toda a sua vida. Por isso, no dia em que embarcou num autocarro para o campo missionário longe de casa foi um grande dia. Ao chegar a Tamale, descobriu que o autocarro para Gbintre circulava uma vez por dia. Não perdeu o autocarro, mas gostaria de o ter perdido. Primeiro, pela forma como o autocarro abanava! Cada parte do seu corpo vibrava. Depois veio a chuva e, apesar de estar no autocarro, ficou completamente encharcado.

A hora prevista de chegada 21 horas passou a ser meia-noite. Dormiu em Gbintre, e continuou a viagem no dia seguinte. Estava à espera de um bom carro para o transportar a ele e ao seu colega de equipa, Joseph, que viajou com ele de Kumasi, até ao destino final. Em vez disso, partilharam um triciclo sem teto com mulheres do mercado que falavam uma língua estranha e olhavam fixamente para os dois homens peculiares. Reagan relata: “Quando finalmente aterrámos em Tuna, a

aldeia não tinha eletricidade. À noite, a escuridão era tão densa que eu mal via os rostos das pessoas. Não pude deixar de o admitir - a minha mãe tinha razão. Este é um sítio de sofrimento e eu nunca devia ter vindo”.

O chamado do Reagan

Reagan Opoku Agyeman formou-se na Universidade de Ciência e Tecnologia Kwame Nkrumah, em Kumasi, no Gana, com um diploma de bacharel de Ciência em Administração de Empresas. “O meu amigo Razak falou-me de uma oportunidade de fazer trabalho

missionário por um ano durante o meu Serviço Nacional. Decidi ir como um acto de simples obediência. Também pensei que seria divertido; a ideia de uma aventura numa terra longínqua atraiu-me.”

Preocupações da família

Tentei preparar os meus pais para aquilo em que me tinha inscrito. Sabia que se lhes dissesse que ia fazer missões, a sua reação seria um ‘não’ absoluto. Por isso, pus-lhes

na cabeça a ideia de que, como me tinha especializado em Gestão de Agronegócios, servir no Norte seria uma vantagem profissional. A minha mãe disse que não se importava - tinha-a conquistado.”

O destacamento chegou e o Reagan foi enviado para a aldeia remota de Tuna, no distrito de Bunkpurugu, na Região Nordeste. “A mãe ficou zangada; o pai, os primos, as tias e as avós protestaram. A irmã mais nova da minha mãe lutou comigo e disse que não me deixaria ir. Um amigo perguntou-me porque é que eu estava a ser tão tolo. ‘Não há almas em Kumasi? Porque é que tens de ir até ao Norte para ganhar almas para Cristo?’ A hostilidade era real. Eu disse-lhes que era só por um ano, mas eles não se acalmaram”.

Reagan deixou a casa e foi para seis semanas de treino missionário. A sua família não o impediu, mas os seus problemas ainda não tinham terminado. “Enquanto eu estava na escola missionária, o meu pai telefonou-me uma madrugada. Pediu-me para voltar para casa. Ele estava muito sentimental, e eu também estava”. A mãe de Reagan, Mama Anna, explica: “Nenhum de nós ficou contente com a notícia. Tínhamos ouvido rumores sobre a volatilidade do Norte. Temíamos pela segurança dele”. O pai de Reagan também esperava que

A mãe ficou zangada; o pai, os primos, as tias e as avós protestaram.

o seu primogénito arranjasse um bom emprego e sustentasse financeiramente a família.

Vida missionária

Para Reagan, ir para o Norte era em parte uma aventura, mas Deus tinha um negócio sério para este jovem. Reagan ensinou na escola primária de Tuna, dirigiu um ministério para crianças, organizou cultos noutras comunidades e, através do ministério do desporto, disciplinou muitos rapazes que inicialmente eram difíceis de alcançar.

Reagan e Joseph oraram para a mulher do vizinho, Elias. Enquanto o faziam, ela caiu sob o poder de Deus e começou a suar muito. “Diante dos nossos olhos, ela foi curada instantaneamente! Eu não era uma pessoa muito espiritual, por isso fiquei chocado. Apercebi-me que Deus não me tinha trazido aqui para me divertir, mas para missões reais. Este foi o início de muitos testemunhos.”

Oraram por Sala, uma segunda mulher que queria ter um bebé. Quando deu à luz, pediu-lhes que lhe dessem um nome. “Chamámos-lhe Milagre”, diz Reagan. “Outra mulher com epilepsia veio do Sul para procurar tratamento junto de um padre fetichista do Norte. Pedimos-lhe que viesse à nossa aldeia para orar. No dia marcado, toda a sua aldeia veio com ela. Queriam que orássemos também por eles. A mulher está agora completamente boa.”

Sempre que regressava do campo, Reagan partilhava estas histórias com a sua família e mostrava-lhes fotografias e vídeos das suas actividades missionárias. Começavam a ficar mais



ORE POR

- Que as comunidades Gonja menos alcançadas conheçam a Cristo.
- Deus mantenha Reagan e todos os missionários alcançando os Gonjas.
- A graça e a paz de Deus para os pais dos missionários.

tranquilos, mas lembravam-lhe a sua promessa de que era só por um ano.

Reagan também passou por momentos difíceis. No seu primeiro aniversário no campo, ficou muito doente. Quando telefonou à mãe, ela disse-lhe “Vem para casa. Nós tomaremos conta de ti”. Reagan ficou.

A comunicação por telefone era frustrante. “O único sítio onde conseguia aceder a uma ligação de rede em toda a aldeia

era junto a uma árvore. Um pequeno movimento e a conexão se perdia.” A Mamã Anna lamenta este facto como mais uma preocupação para a família. “Não podíamos telefonar-lhe à vontade. Tínhamos de esperar que ele nos contactasse.” Em três meses de estadia, o colega de equipa de Reagan deixou o campo e nunca mais voltou.

Apoio familiar

A embora ganhasse pouco, Reagan enviava frequentemente dinheiro aos seus pais e irmãos. Eles ficaram satisfeitos com os seus esforços. Depois

de completar um ano na Operation Serve, juntou-se à OneWay Africa (Um só caminho África) como missionário a tempo inteiro. Está actualmente no seu quarto ano, e viaja na sua mota mostrando o Filme de Jesus às comunidades Gonja menos alcançadas no norte do Gana.

Reagan conta agora com um maior apoio da sua família. Eles oram por ele, e ajudam financeiramente o seu ministério. Recentemente, organizou uma festa de Natal para a sua aldeia, e as suas tias enviaram dinheiro e roupas bonitas para as crianças. “Eles vêem que algo de bom resultou disto. Quando me inscrevi na OneWay, eles permitiram-me cumprir o chamado de Deus.”

Os pensamentos do uma mãe

A preocupação com a segurança do Reagan tinha inquietado a Mamã Anna. Hoje, revela: “Mais tarde, voltei a pensar no assunto e orei. Percebi que é Deus que o protege, não nós. Estamos contentes por ele estar a ganhar o suficiente para cuidar de si próprio. Há muitos licenciados sem emprego que ainda dependem dos pais para se sustentarem. Além disso, a riqueza não é tudo. As missões são um bom trabalho, por isso estamos a orar e a apoiá-lo.”

A Mamã Anna teve oito abortos espontâneos antes do Reagan. Ela aconselha os pais: “Libertar o vosso filho para o desconhecido não é fácil, mas vocês não têm o poder de o proteger. Eles poderiam ter escolhido um caminho que vos traria problemas e mágoas. Se eles escolherem missões, ore por eles e apoie-os”. Reagan conclui que a reviravolta com a sua família foi a intervenção de Deus em seu favor.

Eles vêem que algo de bom resultou disto.



Os pais do Reagan



Foto: Peace Alberto Iteriteka

CHAMADO MISSIONÁRIO E PREOCUPAÇÕES FAMILIARES

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS PERSPICAZES

Foi chamado a servir como missionário, mas as preocupações familiares ameaçam puxá-lo para o outro lado. Como resolver esse dilema? Compilámos conselhos de líderes de missão para abordar algumas questões familiares comuns que surgem quando se decide servir como missionário.

Questão: Fui chamado para ser missionário numa terra distante, mas os meus pais velhos temem pela minha vida e segurança. Precisam também da minha presença e do meu apoio financeiro. Preferem que eu não vá. Como é que posso abordar às suas preocupações e obter a sua bênção?

Esta é uma questão de obedecer a Deus e obedecer aos pais. Não podes desobedecer à Palavra de Deus que diz: “Quem guardar a sua vida perdê-la-á, mas quem a entregar ao Senhor achá-la-á”. (Jo 12:25). Ao mesmo tempo, não podes negligenciar os pais e partir para o campo missionário. Obedecer e honrar os pais faz parte do Evangelho, e é também um acto de adoração.

As preocupações dos teus pais idosos são reais, mas você serve o Criador do universo que diz que os cabelos das nossas cabeças estão contados. Ele pode tomar conta de si e da sua família, e garantir a sua segurança melhor do que qualquer ser humano. Ajude-os a compreender que é Deus que vela por

nós e nos mantém seguros. Incentive-os a apoiá-lo orando pela sua segurança. Mesmo que o pior aconteça e você morra no campo missionário, é melhor morrer em obediência ao Senhor, do que morrer em desobediência. Dê à sua família provas práticas de que não vais ter descuidado com a sua vida só porque Deus vai cuidar de si.

Assegure-lhes que a tecnologia vos manterá ligados, pelo que não sentirão muito a tua falta. Mantenha-se diligentemente em contacto com eles com regularidade, mesmo que isso implique viajar para um local onde possa ter acesso a uma boa Internet para uma video chamada.

A Bíblia diz que se não cuidarmos

dos nossos familiares, seremos piores do que os infieis. Quer estejamos no campo de missão ou não, é nossa responsabilidade cuidar deles; servir como missionário não significa renegar este dever. Procure a direção de Deus e elabore planos realistas para cuidar das necessidades deles. Pode combinar com os seus chefes de missão a angariação de apoio para a manutenção deles, ou arranjar alguém para tomar conta deles enquanto estiveres fora. Se os seus pais continuarem inflexíveis, procure líderes cristãos respeitados para falar com eles. Ore ao longo de todos estes passos, e seja paciente. Certifique-se de que os seus pais estão razoavelmente em paz antes de partir para o terreno.

Questão: A minha família alargada da aldeia contribuiu para patrocinar a minha educação até ao nível universitário, porque eu era um estudante promissor. Esperavam que depois arranjassem um bom emprego e tomasse conta dos membros mais novos da nossa família. Agora sinto-me chamado a ser missionário e tenho de arranjar o meu próprio sustento. Devo cuidar da minha família ou responder ao chamado?

Atende ao chamado de Deus. Ele diz para procurardes primeiro o Reino dos Céus e a sua justiça. A Bíblia ordena-nos que cuidemos dos nossos familiares, mas esta expectativa da família alargada é bastante irrealista. Qual é a garantia de que, depois de terminada a escola, conseguirá um emprego que pague o suficiente para cuidar de todos?

No entanto, isto não significa negligenciar a sua família. Pode continuar a cuidar deles, orando por eles, dando-lhes bons conselhos (nem sempre se trata apenas de dinheiro), e sustentando-os material e financeiramente. Em espírito de oração, trabalhe neste processo, e diga-lhes o que pode fazer. Talvez possa tomar conta de um membro dependente durante cerca de cinco anos, ou angariar fundos para colocar alguns deles numa profissão ou vocação.

Demonstre-lhes que o ministério é uma vocação digna. Às vezes, a nossa própria atitude desleixada na apresentação do trabalho missionário dá uma impressão errada e faz com que eles se preocupem. O Senhor diz que o trabalhador merece o seu



Foto: Ishaka Ali

salário. Explique-lhes que será pago; pode não saber como, mas receberá a sua recompensa. Não seja arrogante quanto a isso. Percorra humildemente as camadas de autoridade na sua família, e ore durante todo o processo.

Questão: Os nossos filhos nasceram e cresceram num campo missionário estrangeiro, onde aprenderam a língua e os costumes de um povo diferente. As suas únicas interações com outros membros da família foram escassas reuniões online. Estamos a preparar-nos para os trazer para casa pela primeira vez em 15 anos. Como é que podemos fazer com que seja um momento confortável e gratificante para eles e para o resto da família?

Procurem saber se há outros casais numa situação semelhante e discutam o que descobriram ser útil. Entretanto, prepare as crianças desde cedo para saberem o que esperar quando forem visitar. Um problema que pode causar

sofrimento para a família de origem é quando os filhos dos missionários não conseguem falar a língua materna. A família pode sentir que a sua cultura está a ser esquecida ou posta de lado em favor de outras. Para ajudar nesta situação, ensine aos seus filhos as saudações, gestos e palavras correctas para se dirigirem aos avós e a outros membros da família. Fale com eles sobre a sua cultura - comida, língua, ambiente familiar, actividades económicas - tanto os aspectos positivos como os negativos para evitar o choque cultural.

Ajude a família no país de origem a compreender que os seus filhos são filhos de uma terceira cultura, pelo que, se as interações com eles não forem fáceis, devem ter consideração. Pode também orientar a família no país de origem sobre o ambiente em que os seus filhos cresceram, para que possam ter empatia e dar apoio. Planeie a visita a casa, para que seja uma visita intencional. Pense no que vai passar o tempo a fazer, quem vai visitar, os sítios que vai visitar, e as experiências que quer que os seus filhos e a sua família tenham juntos.

A tensão entre a vocação missionária e questões familiares é uma experiência comum para os missionários africanos. Se se encontra nesta situação, não está sozinho. Leve as suas preocupações perante o Senhor em oração e procure conselhos piedosos e o encorajamento daqueles que compreendem este terreno. Não hesite em pedir ajuda aos irmãos e irmãs cristãos que a possam oferecer. Deus sabia o que terias de enfrentar e, no entanto, chamou-te. Confie Nele para o ajudar a obedecer à Sua Palavra no que diz respeito à sua vocação e às suas obrigações para com a sua família. Pode não ser um caminho fácil, mas Deus é fiel.



IDE! NOTÍCIAS DA IGREJA EM MOBILIZAÇÃO EM ÁFRICA

PEQUENO-ALMOÇO PARA PARCERIA MISSIONÁRIA

O West Africa Mission Office (WAMO) [Gabinete de missões para a África Ocidental] da SIM organizou um pequeno-almoço missionário no dia 12 de março de 2023 no jardim do escritório da SIM Gana em Accra. O evento teve como objetivo envolver a Igreja no Gana e na África Ocidental sobre a sua responsabilidade de enviar missionários formados para o Gana, África e o mundo. Estiveram presentes 41 pessoas, 31 igrejas e três organizações.



O diretor da SIM WAMO, Daniel Salamu, apresentou o papel da WAMO como agência de recrutamento, e Penny Bakewell, directora da SIM Gana, fez uma apresentação sobre as comunidades do Gana que ainda precisam de missionários. O pastor sénior da Legon Interdenominational Church, e parceiro da SIM, o Rev. Yaw Boamah, desafiou os participantes a associarem-se a outros para promover a Grande Comissão. O chefe de equipa da AfriGO (e AfríDE), Stephen Nitte La'abes, apresentou o ministério de publicação da AfriGO para encorajar a Igreja Africana na missão mundial através da partilha de histórias africanas inspiradoras e recursos missionários. O Rev. Derek Amoo Sakyi, diretor de missões da Igreja das Assembleias de Deus, conduziu um momento de oração.

A reunião de café da manhã resultou na criação de uma rede entre a SIM e representantes da Igreja de Pentecostes, Igreja Assembleia de Deus, Convenção Batista de Gana, e outros. Ao final da reunião, cinco candidaturas foram recebidas para consideração como missionários da SIM.

SEMINÁRIO MISSIONÁRIO PARA PASTORES

Em março de 2023, uma equipa de namibianos da Simply Mobilizing (SM) [Simplesmente Mobilizando] viajou para a região onde vive o povo Himba. Os Himbas são ligeiramente alcançados pelo Evangelho. Um grupo de pastores interdenominacionais da cidade maior quer fazer mais para os alcançar. A equipa da SM apresentou um seminário de um dia utilizando o currículo Interface, estruturado para informar e inspirar os pastores sobre o plano de Deus para o mundo e o Seu coração missionário. Os participantes ficaram satisfeitos por receber a informação partilhada no seminário. A revista AfriGO foi distribuído ao grupo para oferecer conselhos sobre pastores em missões. <https://simplymobilizing.com/interface/>



AFRIGO ESTÁ EM 38 PAÍSES

AfriGO está agora em 38 países, viva! Junte-se a nós para celebrar os nossos assinantes actuais e ajude-nos a alcançar novos. Partilhe o AfriGO com os seus amigos, e vamos encorajar mais africanos na missão mundial. Publicamos AfriGO em inglês, ALLONS-Y ! em francês, AfriTWENDE em swahili e AfríDE em português. Visite www.afriGO.org/historiasmissionarias para ler histórias de missão inspiradoras e artigos úteis sobre muitos tópicos. Descarregue esta e outras edições gratuitamente, e subscreva para receber cada nova edição na sua caixa de correio electrónico.



Agora, você pode se inspirar na AfríDE durante a semana! Visite nossa página no Facebook e nosso perfil no Instagram para conferir histórias de missionários, mensagens inspiradoras e artigos anteriores sobre missionários africanos e o movimento missionário.

📘 <https://www.facebook.com/afridemissoes>

📷 www.instagram.com/missoesafride/



AS MÃES DE APOIO

FICAR NA BRECHA PELAS FILHOS DOS MISSIONÁRIOS

POR FURAH KENGELA

Em fevereiro de 1996, foi inaugurado em Jos, na Nigéria, o abrigo para crianças do Evangelical Mission Society (EMS), para acolher os filhos dos missionários (FMs) do EMS que estavam a servir no campo missionário. A ideia foi motivada pela constatação de que 25 por cento dos missionários deixavam o campo de missão por falta de educação adequada para os seus filhos. No ano seguinte, o abrigo e estava a funcionar em capacidade completa, albergando 50 crianças.

O aniversário teve lugar na escola dos funcionários da Igreja ECWA, onde o abrigo começou a funcionar, e reuniu adultos e crianças pertencentes às famílias das missões SIM e EMS, membros da ECWA, amigos e simpatizantes. Como o abrigo não tinha espaço para abrigar mais filhos dos missionários (FMs), o evento teve como objetivo angariar apoio para a expansão. As esposas e os filhos dos missionários expatriados da SIM ofereceram-se como voluntários para servir os refrescos, e serviram tão bem os convidados que causaram uma profunda impressão nas mulheres nigerianas presentes.

O nascimento

O Dr. Lami Bakari Ibrahim, pioneiro do EMS Children Support Mothers (Mães de Apoio às Crianças), que mais tarde se tornou a Support Mothers International (SMI), recorda que logo após o evento, algumas das mulheres nigerianas ficaram para trás e perguntaram entre si: “Por que é que, após 100 anos de missionários SIM no nosso país, ainda são eles que nos servem? E nós, as senhoras nacionais? O que é que nós também podemos fazer?” A sua observação levou a uma reunião de acompanhamento em que acolheram o desafio de mobilizar fundos para alargar a capacidade do abrigo para acolher mais FMs. Falaram com amigos e associados, e angariaram dinheiro suficiente para construir um edifício

forte, e seguro. Isto marcou a génese do compromisso das Mães de Apoio em preencher a lacuna parental dos filhos dos missionários.

Decidiram cuidar dos filhos dos missionários como fariam com os seus próprios filhos. Deram-lhes comida, roupa, material de limpeza e muito mais. Algumas das Mães acolheram as crianças durante as férias escolares e outras visitaram o abrigo duas vezes por semana para criar laços e fazer actividades com elas. Juntas, fizeram trabalhos manuais, tais como redesenhar velhos postais de Natal e decorar chinelos com missangas e fitas.

A criação

As Mães viajaram por todo o país para sensibilizar as pessoas sobre as necessidades dos EMS FMs. Levaram os artigos de artesanato, agora com a etiqueta “Cordeiros das EMS,” e venderam-nos para angariar dinheiro sempre que faziam apresentações perante vários grupos de mulheres noutras igrejas. Algumas das crianças das EMS foram com elas e actuaram nessas apresentações. Numa das conferências internacionais das SMI, convidaram o ministério de mulheres da ECWA para se encarregar da alimentação das FMs no abrigo. As mulheres aceitaram e têm-no feito diligentemente até à data.

A Dra. Lami explica que as Mães não recebem donativos directamente. Partilham a visão, e divulgam as várias necessidades. Encorajam os grupos de mulheres a visitar o abrigo e a ver por si próprias as áreas de necessidade em que podem ajudar. Ao longo dos anos, várias mulheres têm servido como líderes e pilares na SMI.

Os frutos

O Dra. Lami afirma que, embora o grupo não seja tão vibrante como antes, todos os objectivos iniciais para a sua criação foram alcançados. Não só ampliaram o abrigo; como também adquiriram nove áreas de terra, construíram edifícios para a escola e para os funcionários, e iniciaram uma fazenda de pecuária. “De certa forma, vimos o que fizemos como um serviço missionário, apesar de não estarmos no terreno como os seus pais”, reflecte o Dra. Lami.

O trabalho das Mães de Apoio demonstra que, à medida que os missionários servem na linha da frente, como uma verdadeira família em Cristo, nós nas suas terras de origem podemos preencher a lacuna que a sua ausência pode ter deixado de forma muito significativa.



foto representativa



GRUPO ÉTNICO: OS BEJA DA ERITREIA, DO SUDÃO E DO EGÍPTO

O povo Beja é constituído por nómadas que ocuparam as suas terras natais no Sudão, na Eritreia e no Egípto há mais de 4.000 anos. Alguns estudiosos acreditam que estão relacionados com os antigos egípcios. São 99% muçulmanos. Praticam o Islão popular e acreditam no mau-olhado e nos jinnis (espíritos). Tentam apaziguar os jinnis e retirar-lhes poder através da utilização de amuletos e encantos.

Com cerca de 4 milhões de habitantes, a maioria da Beja tem pouca ou nenhuma educação e são por isso, considerados de classe baixa e atrasados pelos seus compatriotas. O seu ambiente nómada está a diminuir e, como resultado, muitos estão a mudar-se para as cidades, onde só conseguem encontrar empregos manuais e mal pagos. Um não Beja será sempre preferido em relação a um Beja aquando da contratação para um emprego. Os povos de língua árabe consideram a língua beja como uma “baboseira”, uma vez que

não é amplamente escrita”

Uma das razões pelas quais eles não são alcançados é que a maioria deles vive em lugares de difícil acesso, longe das cidades. No Sudão, no Egípto e na Eritreia, os cristãos começam a aperceber-se de que os Beja precisam de Jesus, e sentem-se atraídos para os alcançar. Um jovem mudou-se para um lugar remoto para partilhar o Evangelho. Outros, nas cidades, têm pensado no que podem fazer e começaram a oferecer água fresca ou sumo às pessoas de Beja que passam pela sua igreja. Alguns começaram a levar refeições aos prisioneiros Beja.

Os Beja estão a ficar cada vez mais desiludidos com os governos islâmicos que estão a tentar eliminar a sua cultura e a sua língua, obrigando-os a renunciar à sua cultura tribal. Em alguns locais, estão a pedir escolas cristãs para os seus filhos e a pedir aos missionários que venham falar com eles. No entanto, o número dos cristãos é ainda insignificante.

EM RESUMO

- O geógrafo Abu Nasr Mutahhar al-Maqdisi escreveu, no século X, que os Beja eram, na altura, cristãos.
- Os Beja praticam o casamento entre primos.
- Apenas algumas partes das Escrituras estão na sua língua, o Bedawiyet.
- Os Beja têm um estilo de vida simples ao ar livre, uma cultura oral e papéis masculinos e femininos distintos.

ORE POR

- Que mais Escrituras e recursos sejam traduzidos e gravados em Bedawiyet.
- Que os cristãos locais ouçam o apelo do Espírito Santo e encontrem maneiras criativas de alcançar os Beja com amor.
- Que os Beja encontrem Jesus e comecem um movimento no seu povo.

Fonte (em Inglês): <http://bejafriends.org/> • https://joshuaproject.net/people_groups/10766 • <https://omniglot.com/writing/beja.htm>
https://en.wikipedia.org/wiki/Beja_people



AFRITWENDE: afritlewende@afriqo.org **AFRIGO:** info@afriqo.org **ALLONS-Y !:** info@afriqo.org **AFRÍDE:** afride@afriqo.org

SIM África Oriental
Tel: +251 911 206 530
east-africa.office@sim.org

SIM África Ocidental
Tel: +233 30 222 5225
wamo.personnel@sim.org

SIM África Austral
Tel: +27 21 7153200
southafrica.mobilisation@sim.org

AIM Internacional
amc.io@aimint.org
aimint.org/africanmobilization/